



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 17

Caixas pretas

Branca Vianna: Bem-vindo ao Rádio Novelo Apresenta.
Eu sou a Branca Vianna.

Nas histórias dessa semana, a gente tá às voltas com caixas pretas.

Com uma caixa preta, a gente sabe o que entra e o que sai, mas a gente não sabe direito o que é que tá acontecendo ali dentro.

Dá pra chutar, inferir, interpretar.

Mas no fim das contas, tem aquela incógnita no meio.

Isso pode acontecer de muitas formas.

Em muitos sistemas. Talvez o mais simples seja uma conversa entre duas pessoas.

O input e o output a gente consegue ver, verificar.

O que uma pessoa diz e o que a outra responde.

Mas tem conversas em que parece que uma pessoa tá falando uma coisa e a outra tá entendendo outra.

A nossa primeira história é bem assim.

Os mal-entendidos nascem de muitas formas.

E na minha carreira antes de virar podcaster, eu já presenciei muitos deles.

Branca Vianna: Durante 25 anos, eu fui intérprete simultânea, trabalhando principalmente com inglês e português, e de vez em quando com francês também. Mas teve uma época em que eu resolvi aprender espanhol. Eu fiz muitas aulas, passei algumas semanas na Argentina fazendo intensivão, fiz um curso especial pra intérpretes...

E o resultado é que eu entendo muito bem espanhol – que era o meu objetivo para poder traduzir do espanhol para as outras línguas que eu já falava. – Mas nunca consegui falar direito.

E eu nunca consegui usar o espanhol profissionalmente.

Agora, o meu portunhol é ótimo. Eu tenho muito orgulho do meu portunhol.

E eu acho a ideia do portunhol uma coisa magnífica: uma língua inventada, fluida – que, quando é falada por brasileiros, é basicamente português; quando é falada pelos vizinhos, é basicamente espanhol.

Mas, no fim, todo mundo se entende. Eu acho isso lindo.

E foi o portunhol que eu usei pra conversar com o Julio – que todo mundo conhece como Chang.

Julio Villanueva Chang: Mi nombre es Julio Villanueva Chang. Nací en Lima, en Perú.

Branca Vianna: O Chang foi o fundador de uma revista de jornalismo literário chamada Etiqueta Negra.

Julio Villanueva Chang: Que sería como Piauí o, o el New Yorker.

Branca Vianna: A revista acabou faz alguns anos já, mas ela fez com que o Chang rodasse muito pela América Latina – fosse pra dar oficinas, fosse em busca de boas histórias.

Julio Villanueva Chang: conocer gente que me parecía extraordinaria en lo que hacía.

Branca Vianna: Numa dessas, em 2010, ele foi convidado pra uma Flip – a Feira Literária Internacional de Paraty –, e ele acabou passando pelo Rio.

Julio Villanueva Chang: Y sentía que era una oportunidad para conocer a Niemeyer. No? ...

Branca Vianna: Uma chance de conhecer o Niemeyer. O Oscar Niemeyer, no caso, que naquela época tava com 102 anos.

Julio Villanueva Chang: Que era un sobreviviente. Y lo que a mí me intrigaba era sobre todo esa virtud de seguir vivo con lo que significaba seguir vivo y trabajando a su manera todos los días.

Branca Vianna: O Chang já gostava de conversar com gente extraordinária, e o arquiteto por trás dos prédios de Brasília com certeza se encaixava nessa categoria. Mas o que interessava ao Chang quase tanto quanto o homem e a obra era a idade.

E o fato de o Niemeyer ainda estar trabalhando aos 102 anos de idade.

Não ia ser uma entrevista fácil. Porque o Niemeyer tava dando entrevistas há décadas, e muitas vezes ele acabava repetindo as mesmas coisas – o que é completamente compreensível, porque as pessoas deviam fazer muitas vezes as mesmíssimas perguntas pra ele.

Julio Villanueva Chang: Y que él sabía que era un símbolo y una persona que a pesar de repetir las mismas sentencias, las mismas ideas, con los mismos ejemplos, con las mismas anécdotas, pues algo iba a quedar en gente que lo escuchaba por primera vez.

Branca Vianna: O Chang já tinha tentado emplacar uma entrevista com o Niemeyer uns anos antes – mas acabou não dando certo, porque o Niemeyer viajou pra Brasília. De carro, porque ele tinha medo de avião. Passeio normal prum centenário, né.

Daí, em 2010, o Chang tava de volta no Rio; ele cutucou a assessoria, meio sem esperança... e eles ligaram de volta falando que o Niemeyer ia poder falar. Agora vai!

Julio Villanueva Chang: Me comunican que Niemeyer me puede recibir en una hora en su oficina de Copacabana.

Branca Vianna: O Chang tinha que se materializar no escritório do Niemeyer dali a uma hora.

Julio Villanueva Chang: Y yo no tengo un plan de entrevista. No tengo un guión.

Branca Vianna: Sem lenço, sem documento, e sem pauta pra entrevista. Mas ele não podia perder essa oportunidade.

Julio Villanueva Chang: Fue como un encuentro de... de cerca de 45 minutos.

Branca Vianna: Nos 45 minutos que a conversa durou, algumas coisas ficaram claras. Primeiro: por mais que ele fale um pouco de portunhol, o Chang não entende português. Segundo: o Niemeyer não falava nem espanhol, nem portunhol. E, além disso, ele não tava escutando direito...

Julio Villanueva Chang: Yo tenía la sensación cuando acabó la entrevista de, de que había una suerte de Lost in Translation. Yo tuve la sensación de que yo le había entendido un 35% de lo que él me contestaba y que él me había entendido un 25% de lo que yo le había preguntado.

Branca Vianna: Se o Chang tivesse ido só no esquema "caderninho", ele ia sair dessa entrevista super importante de mãos abanando. A sorte é que, dessa vez, ele resolveu gravar. Mas ele ia precisar de ajuda até pra decifrar a gravação... porque

mesmo pausando, ouvindo com a velocidade menor... ele não conseguia entender nada.

Mas ele deu sorte de novo, porque, quando ele sentou pra escrever sobre esse encontro, ele tava junto com uma amiga – e colaboradora aqui do Rádio Novelo Apresenta.

Julio Villanueva Chang: yo estaba en la casa de de Carol Pires

Branca Vianna: A Carol Pires, que fala português e espanhol, ajudou o Chang a meio transcrever, meio traduzir a entrevista.

E, no meio desse trabalho, ela começou a rir. Muito.

Julio Villanueva Chang: y todavía la recuerdo, ella riéndose de cada minuto y medio cuando se daba cuenta que lo que yo no me había dado cuenta más que en abstracto

Branca Vianna: Foi a Carol quem contou essa história pra gente, na verdade, ainda rindo do que ela tinha ouvido mais de uma década antes.

E a gente implorou pra ela e pro Chang pra desenterrar esse áudio.

Julio Villanueva Chang: Y me costó encontrar el audio porque lo tenía en un USB y no usaba desde hace años.

Branca Vianna: Não sei quantas vezes a gente lamentou áudios perdidos aqui na Novelo, então eu queria valorizar esse momento.

O Chang conseguiu achar o áudio num pendrive velho.

Tava num formato antigo que ele não tava conseguindo abrir...

Mas aí a gente se valeu da nossa expertise tecnológica pra recuperar esse tesouro.

Julio Villanueva Chang: Perú. ¿Se recuerda de Machu Picchu? Ahí es donde yo vengo. Pero yo vengo de Lima. Que es como...

Oscar Niemeyer: A gente devia viajar mais pela América Latina, né... pra se conhecer, os problemas são iguais. Mas cada um fica no seu canto.

Branca Vianna: Esses são os primeiros segundos da entrevista.

Espanhol de um lado, português do outro...

Um belo de um "small talk", o Chang citando Machu Picchu pro Niemeyer se situar.

Tá tudo indo bem.

Julio Villanueva Chang: Sí, sí, sí. ¿Cómo ha estado en los últimos días?

Oscar Niemeyer: Ah, eu tô melhorando.

Branca Vianna: Logo depois, o Chang relembra a primeira tentativa fracassada de entrevista.

Julio Villanueva Chang: E fueron algunos días antes de su cumpleaños 101... y yo había venido a Brasil, había venido a Sao Paulo e hice los

contactos para hacer la entrevista y cuando estuve en Rio para buscarlo, me dijeron que usted se subió a su auto e fue hasta Brasília. Entonces yo me quedé esperando hasta ahora.

Oscar Niemeyer: Você... o Peru é complicado lá, né?

Julio Villanueva Chang: Sí. Es complicado... ¿se refiere a venir desde Perú?

Oscar Niemeyer: Heim?

Branca Vianna: Aqui, o papo começa a sair dos trilhos um pouco. Por exemplo: o Chang pergunta sobre o prédio onde o Niemeyer mora e a resposta vai parar longe.

Julio Villanueva Chang: Le gusta este lugar para vivir, este edificio donde vive?

Oscar Niemeyer: Heim?

Julio Villanueva Chang: Le gusta este lugar donde vive?

Vera Lúcia: Você gosta daqui...

Oscar Niemeyer: Ah, eu sou do Rio de Janeiro. O Rio de Janeiro é fantástico. A gente acorda tá o mar defrente. Tem o sol, tem o calor, o mundo tá tão fodido, também... complicado, né. O planeta cansou, não é? E vai surgir muita coisa que não se esperava, né? Esses terremotos, falta de água, calor, secura, ventania... isso tudo tá pra ocorrer numa proporção que a gente devia levar em conta, né. Daqui a pouco os prédios não podem ter telha nem cimento. Tem que ter grama pra limitar o sol um pouco. O reflexo do sol. O arquiteto que, tem quem pensar que se as coisas continuarem assim... na natureza, assim, em fúria, não é?

Branca Vianna: As perguntas tavam saindo de um jeito e chegando de outro. Ouvindo essa conversa, eu imagino o Chang reescrevendo o roteiro da entrevista na cabeça dele... E aí ele tentou puxar prum assunto bem concreto.

Ele contou pro Niemeyer que, quando aquela primeira entrevista não deu certo, ele foi no restaurante que o Niemeyer frequentava, e descobriu qual era o prato preferido dele: que era espagete à bolonhesa com um ovo frito em cima.

Julio Villanueva Chang: Era lo que yo menos imaginaba que usted comía.

Branca Vianna: Olhando praquele ovo frito em cima daquela montanha de massa, o que o Chang viu foi uma espécie de arquitetura gastronômica. Uma cúpula brasiliense, talvez?

Julio Villanueva Chang: Mi pregunta era: cómo un arquitecto como Niemeyer podía coronar un plato de comida con un huevo frito.

Oscar Niemeyer: É bom, ovo frito.

Vera Lúcia Cabreira: Ele gosta.

Julio Villanueva Chang: Le gusta, ¿sí? ¿Qué cosa es lo que usted ve en un huevo frito que no vemos los demás?

Oscar Niemeyer: É. Eu tive... fui no Chile, não fui no Peru, mas fui a Buenos Aires e lá predomina é a carne, o bife, né. Você faz o quê, jornalismo?

Julio Villanueva Chang: Escribo, escribo. Sí.

Oscar Niemeyer: É bom escrever, né?

Julio Villanueva Chang: Se sofre.

Branca Vianna: Sofre pra escrever. Sofre pra entrevistar também.

Quando a Carol contou essa história pra gente, eu tinha imaginado o Niemeyer e o Chang frente a frente, numa sala, sem ninguém pra ajudar.

Mas – até dá pra ouvir – tava lá também um colega arquiteto e também a mulher do Niemeyer, a Vera Lúcia Cabreira.

Só que tem um trecho da conversa, um pouco mais pra frente, em que a Vera Lúcia tentou ajudar, que mostra que nem adiantou muito ter alguém que falava as duas línguas ali.

Julio Villanueva Chang: E sus hijos, ¿qué espera de sus hijos?

Oscar Niemeyer: Heim?

Julio Villanueva Chang: ¿Qué espera de sus filhos?

Vera Lúcia Cabreira: O que você espera de seus filhos?

Oscar Niemeyer: Ah... Pelé!

Julio Villanueva Chang: Yo recuerdo todavía la risa de Carol Pires, no? Puedo escucharlo cuando yo le preguntaba sobre sus hijos, él responde: "Pelé."

Branca Vianna: Pra ser justo, logo antes, eles tavam falando sobre futebol. Ou melhor: o Chang perguntou sobre a Copa do Mundo, e o Niemeyer respondeu sobre o time do Uruguai de 1920.

Então o assunto pelo menos tava em pauta. Enfim.

Mas tem uma hora na entrevista em que parece que o ruído na comunicação não é problema de tradução, ou de audição, ou de confusão...

Parece que o Niemeyer chega a abrir o jogo sobre o que tá acontecendo.

Oscar Niemeyer: Eu gosto quando vem jornalista aqui e levar eles pra outro assunto.

Branca Vianna: Ou seja: a falta de comunicação era um pouco deliberada. Ou talvez nem fosse isso, no fundo. Era outro tipo de comunicação. Uma comunicação feita pra lidar com décadas mesmas perguntas feitas sem parar.

Oscar Niemeyer: Porque ficar falando sobre os meus projetos eu acho meio pretensioso. Mas quando vem um jornalista de fora, eu sempre digo que a vida é mais importante que tudo.

Branca Vianna: Nessa conversa, o Niemeyer, quando fala da obra dele, fala da importância de criar surpresas, de criar algo nunca antes visto no mundo.

Oscar Niemeyer: Mas a ideia da arquitetura é o espanto. A coisa nova, não é?

Branca Vianna: Mas, quando o Chang pergunta sobre a vida dele – sobre o prato preferido, sobre a rotina, sobre o que significa um homem de 102 anos usar um relógio de pulso, qual a relação dele com o tempo – o Niemeyer se recusa a entregar esse espanto.

Oscar Niemeyer: Tudo simples, com os amigos, a família, não tem nada de especial. Eu sou um homem muito simples, não tem nada de novo, não.

Oscar Niemeyer: não tem nada de especial. Vida mais simples.

Oscar Niemeyer: normal, como qualquer pessoa

Oscar Niemeyer: Aqui tudo é igual. A vida é mais simples,

Oscar Niemeyer: A vida é muito simples, sem problema.

Oscar Niemeyer: é isso, não tem mistério nenhum, não.

Branca Vianna: O que o Niemeyer disse que ele gosta de contar pros jornalistas que vêm de fora é que a vida é mais importante que tudo.

Mas não a vida dele, pessoa física, Oscar Niemeyer.

Pra ele, o mistério tá em outro lugar.

O Chang pergunta sobre o dia-a-dia e o Niemeyer responde sobre o cosmos.

Oscar Niemeyer: Nós, por exemplo, aqui no escritório, nós fazemos uma aula de, primeiro de filosofia, depois sobre o cosmos pra gente ter uma ideia do planeta que a gente vive. Mas a gente assiste uma aula de cosmologia, por exemplo, e vê o universo fantástico, né, a gente fica pequenininho. Então a gente deve ficar mais modesto, até isso a leitura permite, né, modificar a pessoa.

Branca Vianna: Pro Chang, isso de receber um professor de cosmologia toda terça-feira fala de uma curiosidade insaciável, depois de mais de um século de vida. A vontade de continuar a tentar entender uma partezinha do universo.

Julio Villanueva Chang: la curiosidad insaciable de un centenario, de una persona de más de 100 años. Por seguir entendiendo una pizca de este universo.

Branca Vianna: Depois da entrevista, o Chang ainda tava querendo desvendar um pedaço do universo particular chamado Niemeyer.

Um pedaço que ninguém tivesse visto, a face escura da lua.

E ele tentou emplacar conversas com as pessoas que ele achava que deviam conhecer o Niemeyer melhor que ninguém: com o motorista, que levava ele pra cima e pra baixo, e era filho do motorista original dele, e também com um dos enfermeiros.

Mas a família não quis.

O que ficou foi a aventura da incomunicabilidade.

O que o Chang não acha nada mal.

Julio Villanueva Chang: Era una confusión... Que. Una confusión alegre, una confusión vital, una confusión... Inevitable, pero fértil.

Branca Vianna: O que ele ficou refletindo depois é como essa entrevista com o Niemeyer não foi um ponto fora da curva, um exemplo extremo da falta de comunicação.

Julio Villanueva Chang: Y creo que eso es parte de una idea general que tengo yo de que las entrevistas son a menudo un mal entendido como género de conocimiento.

Branca Vianna: Se você parar pra pensar, toda entrevista pode ser pensada como um mal-entendido.

Ou talvez não seja a melhor forma de comunicação.

Seja do lado de lá ou do lado de cá.

O entrevistador muitas vezes chega com perguntas padrão – às vezes ele até já vem com as respostas na cabeça –, ou na hora o entrevistado acaba se enrolando...

Julio Villanueva Chang: Uno termina diciendo cosas que no ha querido decir, que se da cuenta de aquello cuando terminó la entrevista, que luego la persona que entrevista no le interesa, que tanto que lo que tú quisiste decir, sino lo que llegaste a decir.

Branca Vianna: É mais um teatrinho da comunicação do que uma tentativa sincera. A pessoa entrevistada tá ali representando o tipo de pessoa que ela gostaria de ser. Porque a verdade, a resposta sincera, muitas vezes não é nem o que a pessoa que tá entrevistando quer.

Até por isso, o próprio Chang me disse que quase nunca dá entrevista.

Julio Villanueva Chang: Yo no concedo entrevistas a la gente que me lo pide. Y siento que voy a traicionarme finalmente sobre lo que quiero decir.

Branca Vianna: Ou seja, ele abriu uma exceção pra gente.

Pra falar justamente sobre essa falha de comunicação.

No fim, segundo ele, na maior parte das entrevistas a gente sai com a impressão de que a gente se entendeu, quando a verdade não poderia ser mais diferente disso.

Então essa conversa com o Niemeyer foi produtiva, em certo sentido.

Julio Villanueva Chang: Creo que... que fue una cosecha a pesar o justamente gracias a que no nos entendimos.

Branca Vianna: Tava tudo às claras. Ninguém tava entendendo ninguém. E pelo menos isso todo mundo entendia.

Oscar Niemeyer: Entendeu?

Julio Villanueva Chang: Bueno, más o menos, más o menos.

Branca Vianna: De novo, muito obrigada ao Julio Villanueva Chang por compartilhar com a gente – e com o mundo – essa gravação da entrevista dele com o Oscar Niemeyer.

A segunda história de hoje tem outro tipo de caixa preta. A caixa preta que vai num avião, e que fica gravando tudo durante o voo. A ideia dessa caixa preta também tem a ver com a compreensão – no caso, depois de um acidente, a gente quer entender exatamente o que aconteceu.

Só que quando a gente tem uma gravação dessas, às vezes isso não basta. A gente fica no escuro do mesmo jeito. No escuro da caixa preta. Que, aliás, já não é preta há algum tempo – porque se pintar de laranja fica mais fácil de achar.

Nessa história, quem vai ser nossa guia nesse breu é a Letícia Leite.

Letícia Leite: Todos os dias, mais de mil voos cruzam o céu do Brasil. A gente não vê, mas o céu tá cheio de aerovias. Como se fossem estradas invisíveis no ar.

E, que nem na terra, tem algumas regras básicas pra evitar acidentes. Quando tem uma aerovia de mão dupla, por exemplo, cada avião tem que ocupar uma “faixa” diferente. Nesse caso, não é uma faixa do lado da outra. É uma em cima e a outra embaixo. Ou seja, os aviões precisam tar voando em alturas diferentes, níveis diferentes, pra não correr perigo. E essas regras são só uma parte dessa equação. Tem muita tecnologia e muita gente de olho pra orientar os objetos e pessoas que tão cruzando os céus mundo afora.

Então, pra acontecer um acidente com choque frontal, muita coisa precisa dar errado. E no dia 26 de setembro de 2006, muita coisa deu errado.

Às 15h35min, o voo 1907 da Gol decolou do aeroporto internacional de Manaus.

Era um Boeing 737. Dentro dele tavam 148 passageiros e seis tripulantes.

Às duas e cinquenta e dois da tarde, decolou um jato Legacy 600 de São José dos Campos, em São Paulo. O avião era novinho, tava saindo da fábrica. Ele tinha sido comprado por uma empresa de táxi aéreo americana. Daí o caminho era sair da fábrica da Embraer no interior paulista e seguir até a Flórida, fazendo escala em Manaus.

Como costuma ser o caso nessas histórias, as coisas começaram a dar errado bem cedo. Antes dos aviões decolarem, na verdade.

Pilot 1: Brasilia, November 6, 00 X-Ray Lima.

Letícia Leite: Os pilotos do jatinho eram americanos, e era a primeira vez que eles tavam voando no espaço aéreo brasileiro. Até aí, ok, sempre tem que ter uma primeira vez. Mas eles também não conheciam direito o avião, então eles tiveram dificuldade pra decifrar o painel e os instrumentos. O que se soube depois é que eles não tinham estudado o plano de voo antes de sair. A caixa preta pegou um deles perguntando se Manaus fica ao sul de São José dos Campos.

Além disso, eles não tavam conseguindo se comunicar com o centro de controle. Mas, apesar de tudo, eles tavam bem tranquilos. A ponto de um dos pilotos ir tirar uma soneca no meio do caminho.

Fazia sentido a tranquilidade.

Afinal, nessa altura da história da aviação, a gente tem muita ferramenta e muito sistema pra fazer com que um avião não bata no outro. E o jatinho tinha vários desses instrumentos. Inclusive um sistema que detecta justamente se dois aviões tão em rota de colisão, e desvia automaticamente, se for o caso.

Mas, pra isso funcionar, o avião tem que estar transmitindo a localização em tempo real.

E o jatinho Legacy não tava.

Com isso, ele virou uma ameaça pairando no ar.

Pairando, não, né... voando em alta velocidade.

Quando o Legacy tava passando por Brasília, ele deveria ter mudado o nível e trocado de aerovia, em direção a Manaus. Mas a central de operações de Brasília não comunicou esse aviso direito. Então eles ficaram na faixa em que eles tavam. E, no sentido contrário, na mesma aerovia, no mesmo nível, a trinta e sete mil pés, vinha o avião da Gol.

Às quatro e cinquenta e seis, eles se encontraram. Não foi uma batida frontal. Mas não precisava ser pra criar um estrago tremendo. A pontinha da asa do Legacy riscou a asa esquerda do Boeing da Gol. Cortou a asa esquerda do avião feito uma lâmina.

Speaker 1: *What the hell was that?*

Speaker 1: *Whatever the fuck that was. We have to get down.*

Letícia Leite: Os pilotos do Legacy sentiram um tranco, não entenderam o que aconteceu, mas conseguiram pousar alguns minutos depois num pequeno aeroporto na região da Serra do Cachimbo, no Mato Grosso. Os sete tripulantes sobreviveram sem nenhum arranhão.

Mas, sem um terço da asa, o Boeing da Gol perdeu o controle. O nariz do avião se inclinou pra baixo, e a aeronave girou algumas vezes feito parafuso, até cair num mergulho que durou 62 segundos. Durante a queda, a barreira do som foi rompida – ou seja, o avião atingiu uma velocidade superior ao som no ar, causando um estrondo enorme.

Em seguida o avião se desintegrou, ainda no ar.

Tudo caiu do céu sobre a floresta.

Todas as pessoas morreram.

Muita coisa deu errado, né. Tinha vários responsáveis. O jatinho tava voando onde não devia, sem as medidas de segurança obrigatórias, e a central de operações também errou na comunicação.

Mas, apesar da culpa não ter sido propriamente deles, a Gol, como aliás qualquer companhia aérea que transporta passageiros no Brasil, era responsável por quem tava no voo.

Então, enquanto corriam processos criminais contra os pilotos do jatinho, a companhia aérea teve que lidar com um problema: como reparar esse dano enorme?

Assim como, no sistema criminal, a gente trata quase tudo com prisão; em casos cíveis, a gente trata quase tudo com dinheiro. Então a Gol começou um processo longo e complicado de calcular – botar um número – no dano sofrido pelas vítimas e pelas famílias delas. Perdas financeiras, traumas, danos emocionais.

A dificuldade em chegar a um acordo desses é imensa. Como calcular o valor de uma vida? Como indenizar um filho que ainda tá na barriga de uma das viúvas do acidente? Ou como indenizar passageiros de diferentes países? Afinal, o voo tava cheio de estrangeiros: 6 americanos, 3 colombianos, 4 franceses, dez argentinos, 3 australianos, 2 sul-africanos, 5 mexicanos, 4 venezuelanos, 1 japonês, 2 portugueses, e 3 canadenses – além de 111 brasileiros.

É aquilo, né: tem coisa que não tem preço. Mas e se você tivesse que botar um preço?

A empresa calculava indenizações usando vários fatores. Tinha o grau de parentesco, a idade da vítima, ou a profissão. O maior acordo deles envolveu 45 famílias e 46 milhões de reais. Algumas famílias não toparam, fosse por brigas internas, por orientação de advogados, ou até mesmo por questões religiosas.

Mas, quando esse processo duro tava quase chegando no final, surgiu mais uma vítima. Não era um passageiro que tinha morrido no acidente. Não era a família de um passageiro. Era um povo inteiro. O povo Mebengokré Kayapó.

O voo 1907 tinha caído no Mato Grosso, na Terra Indígena Capoto Jarina, onde vivem cerca de 1300 indígenas das etnias Mebengokré Kayapó, Trumai, Tapayuna e Juruna. E os destroços do avião ficaram lá.

Durante oito anos, indígenas da etnia Kayapó tentaram contato com a Gol por cartas e ofícios enviados pela Funai, a Fundação Nacional dos povos indígenas. A empresa ignorou tudo. Até que o advogado da empresa recebeu uma intimação do Ministério Público Federal.

Quem assinou o pedido foi Wilson Rocha, que na época era procurador da república em Barra do Garças, no Mato Grosso.

Wilson Rocha: Desde os primeiros contatos que eu mantive com a empresa, a gente percebia com clareza uma certa desconfiança, né? O primeiro encontro presencial que nós agendamos. Não me recordo a localidade, mas a empresa manifestou, inclusive, uma preocupação a respeito de ir armado, ou poder participar dessa reunião com uma segurança armada. O episódio soa um pouco pitoresco, né?

Letícia Leite: Pitoresco... preconceituoso... a palavra fica a seu critério. Mas, no fim, o advogado da Gol apareceu na reunião sem seguranças e sem armas.

Wilson Rocha: A gente marcou uma reunião, salvo engano, no município de Sinop. Os representantes da empresa se deslocaram para lá, comunidade também. E eu, mais do que dizer, ou eu explicar, ou eu assumi o protagonismo dessa discussão toda. Eu criei o cenário, passei a bola com a comunidade: "Expliquem para a empresa o que houve e qual é o problema que vocês veem".

Letícia Leite: Quando esse caso chegou no próprio Wilson, ele tinha entendido o problema assim:

Wilson Rocha: É o impacto ambiental possível em razão da queda do avião. Fiquei imaginando em vazamento de combustível alguma coisa assim.

Letícia Leite: Ok, então, naquela fórmula pra chegar a um número, o caminho seria uma indenização pelo dano ambiental e a retirada de tudo aquilo que tinha caído lá. Mas pra tirar os pedaços do avião do meio da floresta ia ser complicado.

Wilson Rocha: A retirada dos destroços era uma operação difícilíssima e que provavelmente causaria mais danos ambientais do que a permanência desses destroços lá. Pense que você ia precisar deslocar um contingente muito grande de pessoas pra lá. Precisava montar um acampamento para esse pessoal. Você ia precisar abrir clareiras para movimentar essas peças, permitir o deslocamento desse material para pouso de um avião, para remoção de um helicóptero, qualquer coisa assim. E a empresa trazia informações assim muito consistentes a respeito da dificuldade de retirar isso de lá. Precisaria de um helicóptero que não tem no Brasil e tem que trazer um helicóptero do exterior, contratar isso etc.

Letícia Leite: Quando o Wilson foi ver os relatórios ambientais, ele achou que não fazia sentido derrubar a floresta pra tirar aqueles destroços. Mas, nas conversas com os representantes dos kayapó, ele foi entendendo que o problema maior era outro.

Wilson Rocha: No diálogo com a comunidade, eu percebi que, na verdade, o que existia era um problema de natureza religiosa e espiritual para o povo Kayapó. A área dos destroços do avião. E aí a gente precisa pensar também nas pessoas que morreram. Corpos espalhados em uma área muito grande e etc. Toda essa área impactada pelo acidente, onde foram registrados destroços do avião, os corpos das vítimas, etc. Tudo isso, para o povo Kaiapó, havia se tornado uma casa dos mortos. Um mekaron yarunkwa.

Letícia Leite: Mekaron yarunkwa: casa dos mortos, ou casa dos espíritos. A queda do avião não tinha só espalhado pedaços retorcidos de metal e plástico pela floresta. Ela tinha transformado aquela parte da floresta.

Wilson Rocha: Salvo engano, isso era uma circunferência com raio 20 quilômetros. É uma área muito significativa. Que enquanto houvesse memória do acidente é uma área que estaria vedada ao uso da comunidade.

Letícia Leite: Aquela área imensa tinha virado um lugar dos mortos. Agora não dava pra usar a terra como antigamente.

Wilson Rocha: Eles não poderiam adentrar nessa área para desenvolver ali suas atividades tradicionais de caça e coleta. Fazia roça, aldeia e etc.

Letícia Leite: Não dava pra viver ali. Não dava pra caçar ou pra pescar. Os animais que viviam e que comiam ali não podiam ser comidos. Quem explicou tudo isso pro advogado da Gol foi o Bedjai, cacique, pajé e líder espiritual do povo Kayapó.

Wilson Rocha: E eu me lembro muito bem do momento em que o Bedjai explicava o problema para o Maurício. E, de fato, é muito forte a pessoa e a autoridade que ele tem dentro do povo, a autoridade espiritual que ele carrega com o pajé e aí o Bedjai, explicou pro Maurício.

Letícia Leite: O Bedjai explicou pro advogado o que era um Mekaron yarunkwa, com ajuda de um jovem tradutor, o Patxon Kayapó. Mas um outro indígena se tornou o principal elo dessa história: o Megaron Txucarramãe Kayapó.

O Megaron foi nomeado pelo cacique Raoni – o maior líder vivo do povo Kayapó – pra representar a etnia nas reuniões com a Gol sobre as indenizações. Era uma tarefa difícil. Mas ele já tinha enfrentado muitas.

O Megaron é sobrinho do Raoni, e o principal tradutor dele. E ele é visto pelos Kayapó como uma espécie de embaixador que fala português e sabe defender os povos do Xingu no diálogo com o Estado brasileiro.

E não foi só por causa dessa vasta experiência em negociações com os brancos que o Megaron foi escolhido pelo Raoni.

Foi também porque o Megaron tinha tido um papel fundamental nessa história desde o começo. Ele liderou a expedição indígena de resgate dos corpos das vítimas do acidente da Gol.

No dia 26 de setembro, o dia da tragédia, o Megaron soube do acidente logo depois que rolou. Na verdade, ele tava no ar.

Megaron Txucarramãe Kayapó: Eu meu tio Raoni, a gente estava planejando ir para a aldeia Piraçu, de avião.

Letícia Leite: Piraçu é uma das aldeias da Terra Indígena Capoto Jarina, onde o avião caiu. O Megaron e o Raoni tavam voando numa dessas aeronaves pequenas, voltando pra casa depois de passar por exames médicos na cidade.

Megaron Txucarramãe Kayapó: Quando a gente voou de Colíder, em poucos minutos nós ficamos sabendo que aquele espaço está todo interditado, tudo interditado. Não pode voar nenhum avião e só pode voar avião que vai buscar avião que caiu.

Letícia Leite: Com o espaço aéreo interditado, o avião com o Raoni e o Megaron fez meia volta. Mas o Megaron não ficou de braços cruzados.

Megaron Txucarramãe Kayapó: O avião caiu pode tem gente ferido, eu vou ajudar. Aí eu fui. Peguei o carro aqui e fui para Piraçu.

Letícia Leite: O Megaron reuniu indígenas com diferentes habilidades. Homens com força, pra levantar acampamento e carregar peso na floresta; outros com muita habilidade pra caça, pra garantir as refeições – e pra garantir que eles mesmos não iam virar refeição de alguma onça assustada com a movimentação anormal.

Megaron Txucarramãe Kayapó: Quando o primeiro helicóptero chegou em cima dos destroços do avião, nós também chegamos. Chegamos junto.

Letícia Leite: O helicóptero era da Força Aérea Brasileira, a FAB.

Naquela altura não dava pra saber, mas essa ia ser uma das operações de busca mais longas da história da FAB. E no total, 154 corpos foram identificados. O que é mesmo impressionante num acidente aéreo dessa proporção, em que o avião se desfez no ar.

Megaron Txucarramãe Kayapó: Chegamos junto, mas nós não tinha jeito. Nós dois, quando nós chegamos lá, não tinha a gente vivo, muito feio, muito feio, muito triste, muito triste. O mais difícil quando chegou no local, o local do acidente, onde estavam os corpos das pessoas. Era difícil ver as pessoas mortas, crianças e mulheres. A primeira coisa que nós viu era um banco, um banco do avião, um banco de avião, um pedaço de avião.

Letícia Leite: Eles ainda tavam tomando pé, entendendo como eles iam conseguir ajudar, já que não tinha nenhum sobrevivente. Não demorou prum capitão da aeronáutica chamar o Megaron.

Megaron Txucarramãe Kayapó: Aí o capitão da Aeronáutica chamou eu e falou: "Megaron, é melhor vocês voltar para o acampamento de vocês e esperar porque vocês não têm roupa própria. Eles usava macacão. Ele usavam luva. Eles tinha bota e nós não tinha, não tinha roupa.

Letícia Leite: Realmente, mexer em destroços de avião pode ser perigoso por inúmeros motivos. Mas, diante do tamanho da tragédia, os kayapó quiseram ficar.

Megaron Txucarramãe Kayapó: Aí nós tinha que limpar, pelo menos limpar em torno do corpo, porque é mato. pegar o facão, lavar e limpar em torno da roça. Ficar lá também vigiando. Então foi isso que nós fizemos. Ajudamos a limpar em torno do asa do avião, do charuto do avião. Então, essa imagem vai ficar pra sempre na minha cabeça.

Letícia Leite: O Megaron e os outros guerreiros ficaram ali dando suporte pra operação durante 52 dias. Eles não podiam mexer nos destroços, mas eles podiam proteger o lugar – tanto de saqueadores, porque tinha coisa de valor entre os destroços, quanto de onças que vinham atrás dos corpos. E eles também ajudavam a localizar os corpos.

O povo da aeronáutica deu uns "presentes" pro Megaron em reconhecimento do serviço dele. Um coronel deu um boné. Um brigadeiro deu um canivete. E só. A aeronáutica publicou um livro contando os detalhes dessa façanha. O livro chama Ninguém ficou para trás. Em 136 páginas, a palavra "Kayapó" só aparece duas vezes.

E, assim como os militares registraram as lembranças deles num livro, os Kayapó também registraram como o acidente transformou uma parte do território Mebengokrê numa casa dos espíritos.

Megaron Txucarramãe Kayapó: Chama Mekarõ Nhurukwa a floresta dos espírito do homem branco.

Mayalu Txucarramãe: Depois que eu fiz o levantamento da minha pesquisa, junto com quem participou que foi o Bedjai, que foi a principal pessoa que chefiou essa operação. Ele e mais membros dessa operação colocou que o clima era de tristeza, porque nunca havia visto tantas pessoas mortas e daquela forma como foi.

Letícia Leite: Quem escreveu sobre o Mekarõ Nhurukwa foi a geógrafa Mayalu Txucarramãe.

Mayalu Txucarramãe: Sou filha do Megaron.

Letícia Leite: A Mayalu entrevistou todos os indígenas envolvidos na operação de resgate e também registrou os impactos do acidente na terra indígena Capoto-Jarina. Esse foi o tema do trabalho de conclusão de curso, o TCC dela.

Mayalu Txucarramãe: Tem uma aldeia chamada wamumani, que ficava ali próximo. Ficava próximo dali do local, mas que teve fazer mudança de aldeia porque para nós, espiritualmente, estava desconfortável porque o pessoal ouvia muito espírito, escutava muitas vozes. E aí tiveram que fazer a mudança, porque para deixar aquele local só pros Espírito.

Letícia Leite: Isso foi uma coisa que a Mayalu pôde documentar no TCC dela. Nesse raio de vinte quilômetros onde os pedaços do avião caíram, não era “só” floresta – esse “só” entre todas as aspás, tá? Tinha mais de uma aldeia próxima dali. E, depois do acidente, elas foram obrigadas a mudar de lugar. Aldeias inteiras tendo que fazer mudança.

Mayalu Txucarramãe: No mapa tem uma aldeia que se chama wani wani, do povo Trumai que era bem próxima. Aí se deslocou mais para frente e para perto da MT 322, que é a estrada. A do Raoni, ficava próximo do rio Jarina. Os destroços caiu nesse rio. E esse rio deságua no córrego que eles bebiam. E aí eles fizeram a mudança dessa aldeia mais pra frente depois do acidente.

Letícia Leite: Além da possibilidade real de contaminação da água, o que motivou a mudança foi, principalmente, a questão dos espíritos que agora moravam por lá.

Mayalu Txucarramãe: Porque o Raoni teve essa conversa com os espíritos, e os espíritos foram decisivos para ele. Esse diálogo, essa conversa, esse sonho que ele teve, foi decisivo para ele fazer a mudança da aldeia.

Letícia Leite: Esse sonho fez com que o Raoni tomasse a decisão – nada trivial – de mudar uma aldeia inteira, a aldeia dele, de lugar.

Antes disso, aliás, os sonhos também tinham sido cruciais na missão de resgate dos corpos. A Mayalu me explicou como o Bedjai, o pajé da comunidade, conseguia ajudar na busca por meio dos sonhos dele.

Mayalu Txucarramãe: Geralmente, os Pajés são acompanhados dos seus protetores, que são seus guias. E aí o guia espiritual dele, que é um animal, mas eles sonham em nosso sonho. Eles têm o diálogo com esse espírito. E aí o espírito mostrava para ele o trabalho que eles fazem, essa comunicação com o espírito no sonho. E aí o nosso sonho falava “tal local está um corpo de uma criança”. E aí é chegar lá no local da mãe com o bebê e achar a mãe. Acharam a mãe um bebê.

Letícia Leite: Tem uma frase famosa do Davi Kopenawa, que é que "os brancos dormem muito, mas só sonham com eles mesmos".

Para muitos povos, os sonhos são um jeito de se comunicar com seres não humanos.

Mas esses sonhos não são profecias. Eles representam situações que podem ou não acontecer, que podem ser contornadas se a pessoa souber interpretar o sonho e reagir.

Mayalu Txucarramãe: São assim, coisas que acontecem, para quem não acredita, acha que é invenção, mas não. É um trabalho mesmo. É uma comunicação que ele fez e que ele tem feito pra proteger. E antes do pessoal entrar no mato ele também tirou raiz, fez banho para que os espíritos dos corpos não adoecessem a equipe. E é esse trabalho do Bedjai. Esse método que ele utiliza é por ele ser pajé.

Letícia Leite: Em diferentes culturas, os pajés têm um tipo de alter ego animal. O humano e seu duplo animal nascem, vivem e morrem no mesmo momento. É pelos sonhos que eles se comunicam, e que o duplo animal conta pra eles o que é importante saber.

A Mayalu não sabe e também não poderia revelar qual é o animal alter ego do Bedjai, mas foi esse alter ego quem ajudou no trabalho de localizar alguns corpos que de outra forma talvez nunca tivessem sido encontrados.

Algumas partes do avião caíram no chão com tanta força que acabaram sendo enterradas, mesmo. Dois metros abaixo do nível do solo, com muito material orgânico da floresta por cima.

Mayalu Txucarramãe: E nós, Mebengokré, e outros povos, temos esse respeito muito grande pelos espíritos. Respeita eles e deixa a casa, a terra com eles.

Letícia Leite: Não é medo, é respeito.

Respeito pelos vivos e respeito pelos mortos.

Tem aquela frase que diz que "respeito não se impõe, se conquista". Foi por isso que Mayalu decidiu escrever o TCC dela sobre essa história.

Mayalu Txucarramãe: Mas eu, quando fui propor para escrever sobre isso, foi para mostrar realmente qual era o valor e qual era o reconhecimento que se tinha que dar ao meu povo, que conhece muito de floresta e que tem experiência e experiência viva, de como lidar com a floresta e com questões espirituais que não são respeitadas. É diferente o modo do não indígena com o nosso. Só que nenhum momento nosso foi valorizado e foi reconhecido.

Letícia Leite: Eu mencionei aquele livro que eu li sobre a busca, o livro da FAB, né? A Mayalu também leu.

Mayalu Txucarramãe: Porque foi escrito um livro por eles. E nesse livro não conta, não fala do trabalho dos Mebengokrê para eles conseguirem tirar. Eles citam, mas não coloca o trabalho que eles fizeram. E é o que vai sempre acontecer. Enquanto nós aqui que sabemos escrever, ler, não contar isso, não registrar isso. É por isso que eu escolhi falar sobre esse fato que aconteceu no meu território e com um guerreiro do meu povo que conheço, que não é reconhecido até hoje.

Letícia Leite: Pra Mayalu, isso tudo vai além da tragédia da Gol.

Mayalu Txucarramãe: Se eu for falar da queda do avião da Gol, vão lembrar do Exército. Se for falar do caso do Bruno e do Dom, vão lembrar do Exército, da Força Nacional e nunca dos povos indígenas. Mas nós estamos aqui para escrever, escrever a nossa história e contar como nós vemos o mundo, como é nossa relação com o mundo, com a terra.

Letícia Leite: Eu tô apurando essa história há um bom tempo, já. A história dos impactos do acidente aéreo de 2006 sobre o povo Kayapó. Num certo ponto da apuração, eu comecei a fazer um teste. Em conversas, na mesa de bar, eu pedia pras pessoas me contarem o que elas lembravam sobre o acidente e o resgate dos corpos. E essas eram pessoas que trabalhavam com povos indígenas. Mesmo assim, ninguém lembrava do trabalho dos Kayapó, do respeito e do cuidado com a memória e com os espíritos das vítimas.

Mas dá pra cravar que tem uma pessoa que nunca mais vai esquecer.

Wilson Rocha: O Maurício, ele brincava comigo dizendo que quem me convenceu, que quem o convenceu não fui eu, foi um cacique que é um pajé caiapó, que se chama Bedjai.

Letícia Leite: Maurício é o Maurício Queiroz. O advogado da Gol que entrou na reunião com os Kayapó com um pé atrás tão grande que não sabia se ia precisar de segurança, lembra?

Uma reunião. Uma conversa. Foi só isso que bastou pro advogado se convencer de que o dano espiritual sofrido por essa comunidade era grave.

Essa voz que a gente tá ouvindo, só lembrando, é a do Wilson, procurador da república que acompanhou tudo de perto e me contou como as coisas seguiram.

Wilson Rocha: E, mais do que discutir se aquilo era verdade ou não, não vem ao caso. O que explicava para empresa que precisava levar a sério aquilo tudo. Imagina o que seria para nós atacar um cemitério ou atacar uma igreja? E isso tem um significado espiritual para a nossa comunidade.

Letícia Leite: Tinham convencido o advogado da empresa de que esse dano tinha que ser reparado. Vitória, né? É... ainda não.

O Maurício precisava convencer quem ia pagar a conta.

Porque ele era advogado da Gol.

Quem ia ter que pagar por esse dano ia ser a empresa que emitiu o seguro da Gol.

Por causa do acordo de sigilo com a seguradora que ele assinou nesse processo, o Maurício não pôde me dar entrevista pra essa história. Mas, pelo Wilson, o procurador, eu fiquei sabendo um pouco mais sobre como foi.

Quando o Maurício foi negociar com a seguradora, ele não usou os mesmos argumentos que tinham convencido ele. Dano espiritual, casa dos mortos... nada disso ia colar com esse pessoal.

Ele falou a linguagem deles. E ele argumentou assim: ia sair mais barato desse jeito.

Porque se a empresa esperasse o caso ser judicializado, ia demorar anos.

E quem ia definir o valor da indenização ia ser um juiz.

Em vez de esperar e pagar um valor talvez mais alto, com juros e correções, era do interesse deles chegar num acordo o quanto antes.

Mas quanto? E pagar pra quem?

Wilson Rocha: E aí havia um segundo problema difícil de resolver. O problema era valorar o dano. Como valorar o dano que a comunidade alegava? Como transformar isso em um valor monetário?

Letícia Leite: O Wilson me contou que não era o Ministério Público quem ia fazer essa conta. Ele passou a bola pros Kayapó, e o Raoni botou um valor na mesa: quatro milhões de reais. Esse valor ia valer como indenização pra todos os moradores daquele território. E precisava ser de um jeito que, no futuro, ninguém pudesse processar a Gol de novo dizendo que não sabia que o acordo tinha sido feito.

Wilson Rocha: E aí a gente realizou a perícia, então, para responder a essa questão? Quem é que deveria assinar este acordo, comprometendo não só a geração atual quanto as gerações futuras daquela comunidade.

Letícia Leite: É impressionante que, quando o Estado quer fazer a parte dele, ele faz. O Ministério Público escalou um antropólogo experiente pra percorrer todas as aldeias Kayapó e encontrar com as lideranças de cada uma das 10 aldeias da terra indígena. Ele tinha que perguntar se eles reconheciam o Raoni como representante deles; se eles tinham conhecimento do acordo; se sabiam que os destroços do avião da Gol iam ficar ali para sempre; e que o valor da indenização ia ser depositado na conta do Instituto Raoni – uma das três organizações que representam o povo Mebengokrê.

Esse trabalho levou alguns meses. E, nesse processo, as lideranças ainda trouxeram outra solução. Eles resolveram envolver os jovens de cada comunidade.

Wilson Rocha: Que as lideranças jovens também assinassem um acordo no sentido de sinalizar esse compromisso das futuras gerações. Também com essa ideia de que o dano está resolvido e está reparado. Alguns meses depois, esse laudo ficou pronto. A gente redigiu um acordo e partiu para assinatura. E aí a gente foi pra dentro da terra indígena Capoto Jarina. Foi feita toda uma cerimônia pela comunidade inteira compareceu ao ato e lideranças de toda a terra indígena foram para a aldeia e todo mundo assinou nessa reunião o acordo que deu por reparado o dano com o pagamento de R\$ 4 milhões para a comunidade Kayapó da Terra Indígena Capoto Jarina. Foi esse o caminho que a gente percorreu.

Letícia Leite: Tem uma coisa curiosa nesse capítulo final. Lembra, os Kayapó tinham proposto um pagamento de quatro milhões de reais. E o normal numa negociação é que um lado faz uma proposta, o outro faz uma contraproposta, e aí eles chegam num meio-termo.

E foi isso que aconteceu aqui. A Gol fez uma contraproposta de dois milhões. Daí teve uma reunião em Brasília pra discutir isso. O cacique Raoni não foi. Mas mandou uma carta.

Maurício Queiroz: *Por motivos familiares ficarei na aldeia Piaraçu...*

Letícia Leite: Essa voz é do advogado da Gol, o Maurício Queiroz. A gente tá ouvindo ele aqui porque as reuniões desse caso foram gravadas, e eu consegui essas gravações pela lei do acesso à informação. É ele quem tá lendo a carta do Raoni.

Maurício Queiroz: *...e gostaria de informar aos senhores que aceito... e que a empresa Gol mande um representante na aldeia.*

Letícia Leite: O áudio não tá muito bom. Mas no vídeo, dá pra ver que o Maurício dá uma pausinha no meio da leitura.

E, nessa pausinha, ele pula uma parte da carta do Raoni.

A parte que ele não lê... é a parte em que o cacique aceitava o acordo de dois milhões.

Na sequência, o advogado pede desculpas ao Megaron e ao Bedjai pelo atraso em todo o processo.

Maurício Queiroz: ...o motivo é que eu precisava justificar e obter as autorizações necessárias pra que nós tivéssemos aqui hoje. Diante dessa dificuldade, o que eu defendi, o que foi aceito, o que me foi autorizado a fechar com os senhores é o pagamento de 4 milhões de reais proposto na reunião de fevereiro.

Letícia Leite: O que Maurício contou aos Kayapó – e tá registrado nesses vídeos do processo – é que a Gol tinha que seguir o princípio da autodeterminação dos povos indígenas.

O povo Mebengokré Kayapó tinha proposto um valor. E só eles eram capazes de medir o valor de um dano como esse.

Uma coisa improvável – mas não impossível – rolou nesse acordo.

A Gol recuou da contraproposta que ela tinha feito.

E acabou pagando, em vez de dois, quatro milhões de reais.

Quatro milhões de pio caprin, como os Kayapó chamam o dinheiro. Pio significa papel ou folha. E caprin é pálido e triste. Ou seja: dinheiro é papel triste.

Pra Mayalu, a geógrafa que a gente já ouviu aqui e que é filha do Megaron, o que importa não é o pio caprin, mas o que os Kayapó puderam fazer dessa história.

Mayalu Txucarramãe: Essas pessoas que foram envolvidas nesse caso, pra essa conciliação, essa negociação, aprenderam muito, aprenderam sobre o que é a vida. O Maurício, eu vejo que foi uma dessas pessoas que veio sem conhecer quem era o indígena ou o que tinha na floresta, e quando vem, ele se transforma, transforma a vida dele e o pensamento.

Wilson Rocha: Em alguma medida, este acordo homenageia as vítimas porque entende a dimensão espiritual envolvida naquele acidente. Há no povo Kayapó um profundo respeito às vítimas e por isso aquela área se tornou uma espécie de santuário. E eu acho que sim. E aí porque inclusive, isso pode ser levado para outras situações.

Mayalu Txucarramãe: Hoje eu sei de um caso que também está em tramitação aqui no Mato Grosso, que é dos Bororo. É por causa de uma ferrovia que vai passar, que vai afetar. E aí eles vão usar o nosso trabalho, que é do Lucas e o meu...

Letícia Leite: Já usaram. O TCC da Mayalu e outra tese sobre o acordo, do advogado do movimento indígena Lucas Cravo, foram citados nesse outro caso. Era assim: tinha um projeto de uma ferrovia que ia passar no meio da terra dos Bororo. E por cima do cemitério do povo Bororo.

E cemitério é sagrado pra qualquer povo, né, dá pra entender fácil por que nenhum de nós ia querer ter um trem passando por cima do túmulo dos nossos avós. Mas os rituais funerários dos Bororo são super importantes e elaborados. Quando algum Bororo morre, eles regam a cova, enterram e desenterram várias vezes, até sobrar só o osso. Eles cantam durante dias e dias, e os rituais duram meses, seguindo os ciclos da lua. E uma linha de trem ia passar por cima dessa terra sagrada deles.

Enfim, tudo isso começou a rolar em 2021. Teve intervenção da Defensoria Pública e do Ministério Público. Eles argumentaram que a obra não podia seguir em frente porque ia causar, entre outros danos: danos espirituais e de natureza religiosa. E, no documento, eles citaram o trabalho da Mayalu sobre a Casa dos Espíritos na Terra Indígena Capoto Jarina. Até o lançamento deste episódio, em março de 2023, a definição é que o licenciamento dessa ferrovia tá suspenso até que o povo Bororo seja consultado. E a consulta não é pra dizer sim ou não. É pro Estado e a empresa escutarem os Bororo e chegarem numa solução – como mudar o traçado da ferrovia, por exemplo.

Essa história toda que eu contei aqui começou com um acidente num caminho no céu. Um caminho no céu que era invisível até o momento em que o acidente escancarou a existência dele.

E dá pra pensar que essa história é cheia de caminhos assim. Invisíveis pra uns, visíveis pra outros. A tragédia do acidente todo mundo conseguia enxergar. Os destroços retorcidos, os corpos no chão. Mas a tragédia espiritual era diferente.

Depois de 11 anos, não sei quantos ofícios e quantas reuniões depois, os Kayapó – o Raoni, o Bedjai, o Megaron, o Patxon, a Mayalu – conseguiram com que o que tinha acontecido com o povo deles fosse reconhecido. Foi graças a eles que A Casa dos Espíritos se tornou visível aos olhos do sistema judiciário brasileiro. Graças a eles e graças a quem soube escutar.

Branca Vianna: Essa foi a Letícia Leite. Durante quatro anos, a Letícia esteve à frente do Copiô Parente, o primeiro podcast feito pros povos da floresta do Brasil, e fez o Papo de Parente, o primeiro podcast indígena do Globoplay. Hoje, ela tá na Rádio Sumaúma e tem uma produtora de áudio chamada Vem de Áudio. Dá pra seguir pela arroba vem - traço - de - áudio.

Obrigada por ouvir o Rádio Novelo Apresenta.

Se você ouviu esse episódio mas ainda não tá seguindo o Rádio Novelo Apresenta no seu tocador de podcast preferido, aproveita e faz isso já. Assim você não perde nenhum episódio e a gente vai estar contigo toda quinta-feira.

Se você puder avaliar a gente também, escrever uma resenha ou dar cinco estrelas, também ajuda demais.

A gente quer chegar a cada vez mais ouvidos, então não esquece de recomendar pras pessoas que você ama e que vão apreciar uma boa história.

No nosso site, radionovelo.com.br, você consegue ver material extra pra cada episódio.

Pra essa semana, tem mais textos do Chang – pra quem lê em espanhol –, mais matérias sobre o acidente da Gol, e fotos de uma expedição que visitou os destroços em 2011.

Se você quiser mandar uma história pra gente, o nosso email é apresenta@radionovelo.com.br. Cê também pode só marcar a gente nas redes, no [@radionovelo](https://www.instagram.com/radionovelo).

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo.

Toda quinta-feira tem episódio novo.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre.

A gerência de criação é do Tiago Rogero, a executiva é da Marcela Casaca e a de produto e audiência é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta e a Bia Guimarães.

As produtoras da nossa equipe são Bárbara Rubira, Gabriela Varella, Júlia Matos e Natália Silva.

A checagem deste episódio foi feita pelo Gilberto Porcidonio e pela Marcella Ramos.

A montagem é da Mariana Leão.

A Paula Scarpin fez o desenho de som.

A mixagem é do Pipoca Sound.

Nesse episódio, a gente usou música original de Aline Gonçalves, de Kiko Dinucci e, também, da Blue Dot.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela FêCris Vasconcellos e pela Bia Ribeiro.

O Eduardo Wolff é responsável pelo conteúdo e engajamento das nossas redes sociais, e o design das nossas peças é do Mateus Coutinho.

O Rádio Novelo Apresenta tem o apoio da Open Society.

Obrigada, e até a semana que vem.

